



# Seu País

# O teatro da Justiça

**DOCUMENTÁRIO** A narrativa precisa e eloquente de *Amigo Secreto* sintetiza a Vaza Jato e nos faz ver o essencial

POR ANA PAULA SOUSA E CÁSSIO STARLING CARLOS

**A** nuvem negra que encerrava *O Processo* (2018) parece, em *Amigo Secreto*, ter se espalhado e coberto o poder e o País. O novo documentário de Maria Augusta Ramos, em cartaz nos cinemas desde a quinta-feira 16, prolonga e complementa o registro deste momento turvo da história brasileira.

Se, em *O Processo*, a cineasta filmou os seis meses da crise política que desaguou no *impeachment* de Dilma Rousseff, em *Amigo Secreto* ela procura sintetizar, a partir de recursos da linguagem documental, as arbitrariedades e as violações praticadas pelos procuradores da Lava Jato e pelo ex-juiz Sergio Moro. O primeiro era um filme retrospectivo e, portanto, mais frio. Este foi feito no calor da hora.

“Em geral, faço filmes que me incomodam, me inspiram e me dão medo também. E o que tem acontecido à democracia, com as arbitrariedades da Lava Jato, me toca profundamente”, diz a diretora, em entrevista a *CartaCapital*. “Ver o País no estado em que a gente vê hoje, e se dar conta do nível de ilegalidade da Lava Jato é algo que tem de ser documentado.”

Maria Augusta adota, como fio narra-

tivo, o trabalho de investigação jornalística que tomou por base as mensagens vazadas em um grupo nomeado *Amigo Secreto*. As imagens acompanham o trabalho de investigação conduzido pelos jornalistas Leandro Demori, então editor-executivo do Intercept Brasil, e Carla Jimenez, Regiane Oliveira e Marina Rossi, do *El País Brasil*, alguns dos veículos a revelar o conteúdo das mensagens.

**A presença de repórteres** como mediadores nas entrevistas com juristas, advogados e acusados acentua a eloquência da leitura de Maria Augusta. O filme expõe as fragilidades de parte da imprensa em sua relação, sem questionamentos, com representantes do Ministério Público, cujos interesses políticos ficaram mascarados pela agenda do combate à corrupção.

A estratégia narrativa permite a

**“A gente fez o filme para a memória. Para ele ser visto daqui a 10, 15 anos”**





TAMBÉM  
NESTA  
SEÇÃO



pág. 34

**Rio de Janeiro.** Petistas e pedetistas disputam a imagem política de Brizola



#### Imagens a quente.

A diretora Maria Augusta Ramos escancara as arbitrariedades cometidas pelos procuradores da Lava Jato e pelo ex-juiz Sergio Moro

*Amigo Secreto* depurar o jornalismo, expondo suas falhas, seu papel danoso na Lava Jato, movido pela crença apressada em versões, sem, com isso, desconsiderar o papel crucial da imprensa. “Evito também desqualificar a Justiça como um todo”, apressa-se em ponderar a diretora, quando o tema surge na entrevista.

“Muito do que se fala no filme nós já sabemos, porque ele se baseia em reportagens”, pondera. “Mas procuramos fazer uma releitura da Vaza Jato. A gente fez o filme para a memória, para ele ser visto daqui a 10, 15 anos.” Isso não significa que *Amigo Secreto* não es quente ainda mais o caldeirão em que ferve a política no Brasil.

**O depoimento dado** por Alexandrino Alencar, ex-executivo da Odebrecht, sobre as delações premiadas da Lava Jato já saiu do filme para o noticiário. Nele, Alencar fala pela primeira vez, em público, sobre as pressões sofridas para que, em seu acordo de colaboração, comprometesse o ex-presidente Lula. “Ele foi o único a topar dar entrevista. Procuramos todos os envolvidos, mas Moro e outros procuradores não toparam”, relata a diretora. “O depoimento do Alexandrino era essencial para se compreender a Lava Jato e as violações.”

As entrevistas, ausentes em outros documentários da diretora, surgem em *Amigo Secreto* como um elemento central. Maria Augusta assume que, desta vez, fez um filme menos austero ou, em suas palavras, menos “bressoniano” – sinônimo, no cinema, de minimalismo e distanciamento.

“Tentei um distanciamento pelo trabalho de câmera, que é sempre frontal, pela escolha de contar essa história por meio de pessoas reais e pela montagem”, detalha, referindo-se à colaboração criativa de longa data com a montadora Karen Akerman. “Mas é um filme feito sob o calor da emoção e era impossível a gente ver o que estava acontecendo e

ANA PAULA AMORIM E VITRINE FILMES



não ser tocado por aquilo, mantendo-se na austeridade do roteiro, da estrutura. Existe um comprometimento com a verdade, com a ética, mas é um filme subjetivo. Cada corte, cada fala é uma escolha.”

Nada disso, no entanto, aparta *Amigo Secreto* de uma das características mais eloquentes do trabalho da cineasta: o autocontrole. A filmagem em meio ao desenrolar dos acontecimentos não a impede de imprimir seu temperamento frio no material. Manter-se fiel ao encadeamento factual e saber escutar o tempo narrativo são qualidades que, aqui, fazem toda a diferença.

Desde a campanha presidencial e durante seu governo, Jair Bolsonaro implantou um método de bombardeamento diário de factoides, embaralhando o foco dos outros poderes e da população. A estratégia, bastante eficaz, induziu o País a só reagir, em vez de agregar forças para agir.

*Amigo Secreto* não cede a este estímulo de bombardeio. O filme sintetiza os momentos cruciais da transformação bolsonarista e, no lugar da fragmentação alucinatória em que o País está mergulhado desde 2019, oferece uma continuidade, uma progressão. A narrativa elimina os ruídos e nos força a ouvir o essencial.

## **Amigo Secreto ainda não foi adquirido pelo streaming. “Só depois das eleições”**

Nascida em Brasília, em 1964, Maria Augusta formou-se em Música na Universidade de Brasília (UnB) e deu seguimento aos estudos em musicologia e eletroacústica na França e na Inglaterra. Em 1990, mudou-se para a Holanda, onde vive até hoje, e lá começou a estudar cinema.

Desde o primeiro longa-metragem, *Brasília, Um Dia em Fevereiro* (1996) chamou atenção pelo domínio do método e da linguagem. Com *Justiça* (2004), que mostra a rotina desumanizadora de juizes, advogados e delinquentes das varas criminais brasileiras, começou a ganhar projeção no Brasil e no exterior. Na sequência, viria *Juízo* (2007), passado em um Tribunal de Infância e Juventude do Rio de Janeiro, onde as vidas são, desde cedo, moídas por um sistema sem saída.

Esses dois projetos, embora pareçam

distintos dos dois filmes mais recentes, já traziam a semente de cada um deles. “Minha obra, desde *Justiça*, tem focado no sistema de Justiça”, diz. “Me interessa muito relatar as relações humanas, sociais e de poder através do que eu chamo de teatro da Justiça – as audiências, as falas jurídicas. Não tinha como não falar da Lava Jato.”

*Amigo Secreto*, assim como *O Processo*, não teve nenhum dinheiro público. Coproduzido pela Vitrine Filmes, foi financiado pelo Grupo Prerrogativas, pelo Instituto para Reforma das Relações entre Estado e Empresa (Iree), pelo canal alemão ZDF, pelo canal franco-alemão ARTE e pelo fundo holandês de apoio ao cinema. “Foi uma luta, mas não poderíamos pedir recursos públicos no Brasil porque é um filme que lida profundamente com a questão política”, afirma.

**Documentarista** experiente e artista consciente do papel da linguagem, Maria Augusta tem clareza não apenas da relação de continuidade entre os dois filmes como do significado do lançamento de *Amigo Secreto* a cinco meses das eleições presidenciais. “Temos eleições que vão definir os rumos do País, estamos em um momento perigoso de ataque à democracia e o tema do filme tem de ser tratado, tem de ser visto”, diz. “As pessoas que vão votar devem conhecer os reais fatos por trás da narrativa que a Lava Jato criou. Não consigo fazer filmes com final feliz, mas o nosso final feliz pode ser o resultado das eleições.”

Embora, atualmente, quase todos os longas-metragens cheguem às salas de cinema tendo já definido o seu destino no streaming, *Amigo Secreto*, segundo Maria Augusta, provavelmente terá de aguardar um pouco até chegar a essa outra janela. “A gente só vai ter uma posição clara sobre isso depois das eleições, se é que vocês me entendem”, diz, com sua fala sempre pausada, e a voz em tom baixo. “Há interesse da parte das plataformas, mas nenhuma decisão será tomada antes das eleições.”



**Tramas judiciais.** O novo filme guarda uma relação de continuidade com *O Processo*